

4468

493

Bahetá e o povo pataxó

Cyro de Mattos

O rosto na pele enrugada mostra que Bahetá é uma senhora de idade avançada. Deve possuir provavelmente quase cem anos. É a única pessoa que fala a língua do povo pataxó, que vive hoje na Reserva Paraguaçu-Caramuru, no sul da Bahia. A memória desse povo é marcada pelo sofrimento e extermínio, como em geral a dos grupos nativos que tiveram desempenho destacado na formação do perfil cultural do Brasil.



De onde vem Bahetá? Dos caminhos do vento. Guarda seu rosto uma expressão triste, olhos de quem não quer enxergar ao redor. Os vincos no rosto são riscos feitos com a tinta do sangue de certa mancha que envergonha, escorrida em "Nga-hã", o rio, aquele que lá estava antes que ali aparecesse um dos pataxós.

Os antepassados de Bahetá conviviam com a natureza que vegetava dentro de um clima colorido, antes de as caravelas lusitanas desembarcarem por aqui. Nasceram os verdes e os maduros caíam. A água era clara para todos eles, as rações iguais. Criatura humana e bichos conviviam no tempo dentro das relações naturais, de perfeito entendimento. A flauta dos ancestrais de Bahetá ainda não tocava a música que fala dos rastros da desgraça deixados pelo homem branco, descobridor e aven-

tureiro. Bahetá teve que aprender em criança a tocar essa música triste, que, em seu tom dóido, recorda a flecha quebrada na fuga em grito. Escorre de sua melodia lenta, nada doce, a bala que banuiu a taba e o gume que feriu a seiva. Fala de uma avidez desmedida, que, numa incrível capacidade de persistência, extinguiu até os bichos. Faz aflorar o jugo do colono e a mão sem descanso do posseiro, soterrando valores, tradições milenares, em dó e lágrima, até o último gemido.

A partir de 1980, o povo pataxó começa a ter condições para numa tarefa difícil e fragmentária juntar restos de sua cultura, buscando recuperar sua identidade. Publica-se a cartilha "Lições de Bahetá". Vemos nesse pequeno livro sábio o registro de 129 palavras e duas orações, como "Apôka" (chorar), "Kuín Kahab" (quero comer) e Kuín Mikahab (quero viver).

Os herdeiros do povo pataxó vão ter o que aprender nessas breves lições da velha senhora. No rastreamento fragmentário de sua língua, que nos fala de alegria e dor, canto e silêncio, água e fogo, pedra e vento, viajarão com as noites e descobrirão os dias. Em seus rumores milenares, mais conscientes ficarão quanto à retomada e preservação do espaço vital que a Natureza lhes destinou neste planeta.

Vão ser mais livres e dignos, passando a ter mais consciência do que é ser "Mikahab" (chão), "Itôhá" (céu) e "Hãhãhã" (povo). E de querer ser índio.

Cyro de Mattos é escritor e advogado